

A PESQUISA ETNOARQUEOLÓGICA ENTRE OS BORORO DO MATO GROSSO

IRMHILD WUST

História e Ciências Sociais da UCG

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo traçar algumas linhas básicas do "Projeto Etnoarqueológico e Arqueológico da Bacia do Rio São Lourenço, MT" projeto financiado pela FAPESP e UCG e apresentar alguns dos seus primeiros resultados.

As atividades de pesquisa por nós desenvolvidas durante os últimos anos no Estado de Goiás evidenciaram claramente os estreitos limites da própria interpretação arqueológica, principalmente quando de natureza indutiva. Hoje, a Arqueologia deve ser compreendida como um ramo da Antropologia cuja investigação deve estar voltada à compreensão de sistemas e processos culturais. Devido às próprias contingências históricas do desenvolvimento da Arqueologia no Brasil, ela ainda está marcada predominantemente, por paradigmas decorrentes do Difusionismo ou do Evolucionismo com nítidas tendências de um reducionismo ecológico. Constitui ainda, meta básica da maioria das investigações arqueológicas no Brasil o estabelecimento de quadros tempo-espaciais em que os artefatos representam a temática central da abordagem.

Apesar de todas as restrições necessárias, quadros teórico-metodológicos mais adequados para lidar com a complexidade dos fenômenos culturais do passado foram desenvolvidos, a partir dos anos 60, pela "New Archaeology". Entre estas abordagens, a análise espacial, sob as suas diversas ramificações, tem se mostrado extremamente frutífera. Uma primeira tentativa neste sentido realizou-se em uma área de agricultores pré-coloniais no Estado de Goiás (Wust, 1983). Todavia, na busca de modelos etnográficos referentes a padrões de ocupação de grupos tribais no Brasil Central, verificou-se uma lacuna considerável. Esta falta de dados evidencia principalmente no que tange a relação entre a cultura material no seu sentido mais amplo e os padrões de comportamento, em nível de unidade residencial, aldeia e território. Durante longo período, a etnologia limitou a sua pesquisa aos aspectos da organização social, do pensamento mítico e das práticas rituais, ficando a cultura material em segundo plano. O abandono dos quadros teóri-

cos funcionalistas e estruturalistas por alguns dos etnólogos brasileiros, em busca de uma nova abordagem, representa um momento crucial. Os arqueólogos com uma orientação antropológica e os etnólogos começam a falar uma mesma língua e partilham certas preocupações sobre processos culturais. Embora ambas as disciplinas disponham de métodos e técnicas distintas, podem elas convergir, principalmente na etnoarqueologia, na busca de dados sobre a expressão espacial das atividades humanas em grupos tribais. O arqueólogo, sensibilizado por uma quantidade de indagações estranhas à prática etnológica dos últimos tempos, pode gerar, a partir de sua observação direta e de informações etnográficas, dados revelantes para a elaboração de modelos capazes de serem testados em contextos culturais do passado.

2. A NATUREZA DA ETNOARQUEOLOGIA

O princípio da etnoarqueologia consiste no uso da analogia etnográfica, que é derivada da observação do comportamento humano atual, tendo como objetivo fornecer um auxílio na explicação dos eventos e processos culturais do passado. (cf. Watson, 1979)

Analogias etnográficas foram empregadas desde a Antiguidade Clássica para dar significado aos achados arqueológicos. Trata-se de correlações extremamente simplistas em que se deriva a função de determinados artefatos por suas semelhanças formais, independentemente de sua origem e do seu contexto sócio-cultural. Os próprios evolucionistas se valem ainda deste tipo de analogia para estabelecer seqüências culturais de caráter universal, tratando os povos de além-mar como verdadeiros "fósseis vivos" de uma condição humana do passado. Uma mudança no emprego da analogia etnográfica se dá a partir de Boas. Rejeita-se a utilização da analogia de caráter geral e aceita-se somente uma analogia direta, quando uma continuidade histórica entre os vestígios arqueológicos e grupos tribais específicos é garantida.

Somente com o surgimento da "New Archaeology", o procedimento meramente indutivo nas correlações etnográficas é superado (cf., entre outros, Watson, LeBlanc e Redman, 1974). Hoje, a etnoarqueologia dedica-se, em primeiro plano, ao estabelecimento de modelos dos padrões de comportamento arqueologicamente recuperáveis e sua expressão espacial. Torna-se, todavia, necessário que

as hipóteses assim geradas sejam testadas independentemente a partir dos próprios dados arqueológicos. Sobre a natureza da relação entre arqueologia e etnologia, Binford, (1972), Freeman (1972) e Schiffer (1978), entre vários outros, fornecem esquemas teórico-metodológicos. Os dados etnográficos, por sua vez, não representam a única fonte na elaboração de modelos. Estes podem ser gerados também a partir de outros campos científicos: da física, matemática, linguísticas, etc.. No Brasil, onde contamos ainda com a presença de grupos tribais, a etnoarqueologia pode contribuir de forma significativa na busca de fatores alternativos para a elaboração de hipóteses operacionais e na geração de parâmetros específicos. Em áreas onde uma continuidade cultural existe entre grupos atuais e os seus antepassados, a etnoarqueologia pode ser altamente produtiva. Neste sentido, a área nuclear de território tradicional dos Bororo parece oferecer condições extremamente favoráveis para uma abordagem desta natureza.

Os estudos etnoarqueológicos no Brasil se reduzem, até o momento, a poucas tentativas unicamente voltadas a questões das técnicas de manufatura de artefatos líticos e cerâmicos e, somente de forma embrionária, a alguns processos de formação do depósito arqueológico (cf. Miller, 1978, 1979 e Wüst, 1975).

Com a intenção de contribuir para uma melhor compreensão do passado mais longínquo dos grupos tribais do Brasil Central e dos seus mecanismos adaptativos (em termos ecológicos e sociais), elaboramos o projeto "Etnoarqueológico e Arqueológico na Bacia do Rio São Lourenço, MT". Pretende-se abordar, em primeiro plano, aqueles padrões de comportamento dos bororo que permitem gerar modelos úteis para uma análise espacial nos seus diversos níveis. Concebemos a análise espacial como um ponto de partida que permita abordar vários aspectos dos sistemas culturais do passado bem como da natureza das mudanças ocorridas. Serão considerados como prioritários aqueles parâmetros que dizem respeito à relação entre aspectos demográficos e a morfologia dos assentamentos, o sistema dos assentamentos e, conseqüentemente, das redes de relações existentes entre comunidades e, finalmente, dos padrões de exploração do meio-ambiente físico e suas implicações para o sistema de abastecimento e organização sócio-política.

3. O TRABALHO DE CAMPO NO TERRITÓRIO BORORO

O tradicional território dos Bororo Orientais se estendeu, até meados do século passado, de 15º a 19º latitude sul e de 57º a 52º de longitude oeste de Greenwich. As atuais cidades de Cuiabá, Corumbá, Coxim, Mineiros e a antiga capital do Estado de Goiás representam os marcos principais de sua expansão máxima historicamente documentada (Colbacchini e Albisetti, 1942).

Enquanto em 1907, a população dos Bororo foi estimada pelos padres salesianos em 3.000 pessoas, hoje esta tribo conta apenas com 626 índios, distribuídos em suas 5 aldeias principais (Viertler, 1982). Apesar do forte impacto sofrido pela expansão do elemento colonizador desde fins do século XVII, parte das tradições culturais ainda está viva, principalmente entre a geração mais velha.

As primeiras duas pesquisas etnográficas foram realizadas nos meses de janeiro/agosto de 1983, na Reserva Indígena de Tadarimana. Esta situa-se nas proximidades de Rondonópolis, entre os rios Tadarimana e Jurigue, e representa parte da área nuclear do antigo território Bororo.

Dentro de reserva indígena, e num raio de aproximadamente 50 Km, foram levantados até agora 29 sítios arqueológicos, 23 dos quais sítios cerâmicos a céu aberto. Os dados etnohistóricos e a aplicação da técnica de "história de vida" se mostraram como uma rica fonte de informação. Revelaram concomitâncias de aldeias e redes de relações, existentes, motivos do abandono dos assentamentos e padrões de exploração do território anual. A partir da observação direta e de entrevistas, foram obtidos também os primeiros dados referentes ao uso e à função dos espaços da atual aldeia de Tadarimana e de aldeias já abandonadas, bem como certos padrões distribucionais de artefatos dentro e fora das unidades residenciais.

4. OS PRINCIPAIS PROBLEMAS LEVANTADOS E OS PRIMEIROS RESULTADOS DA PESQUISA

Aspecto Demográfico

Em qualquer estudo de sistemas culturais e de suas mudanças, os aspectos demográficos representam um ponto nevrálgico

na investigação. Várias fórmulas estatísticas foram elaboradas a partir de dados etnográficos de grupos com contingentes populacionais reduzidos. Estas fórmulas permitem inferir ordens de grandeza de populações do passado a partir do tamanho das áreas cobertas por unidades residenciais ou a partir do tamanho total de um assentamento (cf. entre muitos outros, Hassam 1981). Testes destas fórmulas, todavia se tornam necessários, principalmente quando se trata de comunidades maiores, como é o caso nos grupos tribais no Brasil Central. Para algumas de suas aldeias, os dados etnográficos indicam uma população de até 2000 indivíduos (cf., entre outros, Nimuendajú, 1938). Para os Bororo, Steinen (1894) relata, para a colônia Teresa Cristina, uma população de 1000 índios.

A aldeia Bororo tradicional é formada por um ou mais anéis concêntricos de casas, dispostas ao redor de uma grande praça central, situando-se no seu centro o "bai managejewu" (casa dos homens).

A planta da aldeia de Tadarimana e os censos realizados representam um primeiro ponto de partida, devendo receber continuidade principalmente em situações mais antigas. Em janeiro de 1983, a aldeia de Tadarimana se constituiu de 7 casas e de uma casa em construção. O tamanho das casas variava de 25 a 46m². A população total contava com 34 pessoas. O número máximo de habitantes por casa era 9 e o mínimo, 1 pessoa. Assim, nos 300m² (totalidade dos espaços residenciais), registrou-se uma média de 8,8m² disponíveis por indivíduo. Em julho de 1983, a aldeia contava com um total de 10 casas e de uma casa em construção (vide planta). A população era de 55 pessoas e o espaço residencial médio disponível por pessoa era de 6,6m². Estes dados evidenciam que pode haver uma certa margem entre o número populacional e o espaço residencial disponível, fato que deverá merecer parâmetros demográficos. Deve ser indagado também até que ponto esta relação entre população e espaço residencial é válida em situações de casas multifamiliares. Segundo as informações etnográficas obtidas, uma casa Bororo tradicional podia abranger de 3 a 7 famílias nucleares.

Um outro indicador para aspectos demográficos dos Bororo é o tamanho da "casa dos homens". Na atual aldeia de Tadarimana esta construção cobre uma área de 66,4m² e é regularmente frequentada por aproximadamente 30 pessoas, adultos e jovens. Segundo um dos informantes, em uma antiga aldeia conhecida ainda por

sua mãe, existiam 3 anéis concêntricos de casas, e a "casa dos homens" era composta por 10 fileiras, ou seja, era 5 vezes maior que a construção atual. Para Kejare (Levi-Strauss - 1970), verificou-se, em 1936, um total de 26 casas e uma "casa dos homens" de 160m².

Mantendo o padrão do espaçamento observado entre as casas de Tadarimana, uma planta idealizada da aldeia com diâmetros de 85 por 100m poderia comportar no máximo 20 casas. Isto representaria uma população máxima de 110 pessoas, estimando-se uma média de 5,5 pessoas por unidade residencial.

O meio-ambiente físico ocupado pelos Bororo é extremamente diversificado. Podem-se situar as suas aldeias em áreas de cerrado, cerradão, mata semidecídua, mata ciliar com elevada ocorrência de babaçu e mesmo na vegetação típica do Pantanal. Esta diversidade ecológica do habitat Bororo ainda foi pouco explorada para compreender os diversos sistemas adaptativos específicos dos grupos locais e sua eventual importância para as redes de natureza sócio-política e econômica mantidas entre comunidades locais distintas.

Quanto à distribuição espacial das atuais aldeias Bororo, na área dos rios Tadarimana e Vermelho, observa-se uma nítida preferência para a ocupação das margens dos rios maiores, distando as aldeias de 100 a 300m do barranco do rio. Aqueles assentamentos localizados em regiões de cabeceiras e fora das matas de babaçu, como é o caso de Tori Paru, fogem do padrão geral e exigem explicações. No caso específico desta aldeia antiga, os dados etnohistóricos indicam que se trata de uma aldeia que foi ocupada, em parte, por aqueles Bororo que habitavam, ainda hoje o final do século XIX, o sudoeste do Estado de Goiás. Pode-se, portanto, tratar de um padrão de implantação mantido em um outro meio-ambiente ecológico. A partir disso, pode-se suspeitar de que a ocupação das áreas de cabeceiras em um ambiente de cerrado não necessariamente representa um indicador cronológico, como foi proposto por uma das hipóteses inicialmente levantadas. Sugerimos que as ocupações das áreas de cabeceiras seriam mais antigas que os assentamentos ao longo dos rios maiores.

Quanto às redes que interligavam, ainda no início do século XX, as diversas comunidades locais da área dos rios Vermelho, Tadarimana e Areia, constatou-se que sistemas de assentamen

to podem ocupar uma área de aproximadamente 3.000Km². Isto verificou-se para as aldeias de Tori Paru, Itubore, Aijeri, Jarudore, Po bojare e Pobore. As distâncias lineares entre estas aldeias mais distantes já pertenciam a outros sistemas de assentamento. As redes de relações sociais entre aldeias consolidava-se principalmente por ocasião dos rituais funerários. Todas as informações até agora obtidas indicam que existia uma hierarquia entre aldeias de um sistema de assentamento. Baseia-se esta no número populacional e na presença de líderes políticos ou religiosos, bem como no número de funerais realizados. Devido ao grande fluxo populacional entre aldeias, a sua posição hierárquica é relativamente instável. Assim, dificilmente os aspectos morfológicos dos sítios poderão servir de indicador único para detectar posições hierárquicas em um contexto arqueológico.

Em relação aos acampamentos sazonais, esperam encontrar-se sítios arqueológicos de dimensões mais reduzidas que aqueles que representam aldeias semi-permanentes. Isto porque o "manguru" (deslocamento sazonal) é praticado por pequenos grupos. Distâncias entre os acampamentos temporários e as aldeias alcançaram, ainda no início deste século, entre 30 e 40 Km nas aldeias Tori Paru e Itubore. A localização destes sítios de atividades limitadas em ambientes ecológicos específicos poderão contribuir de forma significativa para esclarecer os motivos da prática sazonal, se esta teria somente uma conotação meramente econômica ou se outros fatores também estariam envolvidos.

O abandono definitivo das aldeias base pode ocorrer por diversos motivos: alto índice de morte ou doença, disputa de liderança, decomposição das casas, demasia de insetos ou sujeira, bem como assombração. De um modo geral, observou-se para algumas das aldeias proto-históricas que o deslocamento de aldeias sucessivas ocorre em áreas muito restritas. Os sítios pesquisados evidenciam distâncias de 300 a 1000m entre si. Em alguns casos, foram encontrados até 4 sítios próximos, o que significa um grau de dispersão que, em uma escala mais ampla, pode ser caracterizado como nucleado. Somente em casos de assombração ou de cisões grupais, escolhem-se locais novos a distâncias maiores. Estes primeiros dados permitem colocar em dúvida que a semi-permanência entre os Bororo estivesse relacionada a uma crescente escassez de solos agricultáveis.

Processo de ocupação de área territorial tradicional

O primeiro levantamento arqueológico evidenciou que a área delimitada pelo presente projeto de pesquisa foi ocupada por diversos grupos tribais em tempos diferentes. A ocupação inicial da área foi localizada, até agora, apenas em abrigos sob rocha e recua a um estágio précerâmico. Somente as camadas estratigráficas superiores revelam a presença de fragmentos cerâmicos que, em parte, podem ter origem Bororo. Além dos sítios a céu aberto, identificados em sua maioria com antigas aldeias Bororo, ocorre também material de tradição Tupiguarani da subtradição Pintada. Ainda não dispomos de subsídios suficientes para determinar se se trata de sítios multicomponenciais ou se eles são resultado de uma única ocupação por grupos tribais quemantinhavam contatos intertribais.

Embora a tradição oral dos Bororo em forma de "bakaro" não retrate, em sua forma literária, necessariamente acontecimentos históricos reais, ela fornece subsídios para o levantamento de hipóteses sobre o processo da ocupação de área, dos diversos contatos intertribais e a própria evolução cultural.

O mito "A mulher Aturuarodo e o monstro Butoriko" (Albisetti e Venturelli, 1967) refere-se por exemplo, a uma luta travada entre um monstro que ocupa uma caverna e que devora os Índios Bororo. Este monstro é vencido e de suas cinzas surgem plantas domésticas anteriormente desconhecidas. Aparece um novo tipo de algodão, urucu e fumo. Diante dos dados arqueológicos e das informações etnográficas, poder-se-ia levantar a hipótese de que, no início da ocupação da área, existissem, ainda concomitantemente, grupos tribais que habitavam os abrigos-sob-rocha. Os próprios Bororo identificam estes habitantes dos abrigos, aos quais atribuem também a arte rupestre, com os chamados Raraidoge, Baridiragudo e Nonogo Pori.

Os "bakaros", "O chefe Akaruio Bokodori e as Tabas Bororo" e "Origem dos Caães" (Albisetti e Venturelli, 1969) sugerem que a área da pesquisa foi ocupada por grupo Bororo anterior à consolidação do seu sistema dual. Em tempo remoto, os diversos clãs representavam grupos distintos mas que por um processo de confederação foram reunidos pela primeira vez em uma aldeia denominada "Arigão Bororo". Situa-se esta aldeia à margem esquerda do rio Tadarimana, dentro da atual Reserva Indígena. Diversas tentativas

de explicar a origem do sistema dual encontram-se na literatura . Alega-se que a fusão de grupos étnicos distintos (Zerries, 1953) ou a pressão do branco (Viertler, 1982) teriam dado origem ao sistema sócio-político etnograficamente conhecido. Os dados de campo evidenciam que esta confederação de grupos locais distintos coincide com o surgimento da agricultura do milho. Estamos, portanto, diante de uma mudança cultural acentuada, devendo o processo subjacente receber atenção especial em futuras pesquisas. Primeiras pistas para a elaboração de uma estratégia de investigação são fornecidas pela seguinte hipótese: A organização espacial fixa dos clãs dentro de uma aldeia Bororo segundo posições cardiais, parece representar um esquema conceptual do território tribal anterior à confederação clânica. A localização dos clãs poderia representar, assim, a direção geográfica de sua procedência. Os atributos clânicos, dos quais alguns expressam plantas e animais de meios-ambientes ecológicos distintos (Viertler, 1976) parecem reforçar esta idéia. O teste desta hipótese, todavia, exige um estudo detalhado da compartimentação ecológica de uma área mais ampla, como também o estabelecimento de indicadores da cultura material privativo de clãs e/ou metades que são passíveis do registro arqueológico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBISETTI, C.A., J. VENTURELLI
 1969 Campo Grande, Museu Regional Dom Bosco, Enciclopédia Bororo, vol. 2.
- BINFORD, L.R.
 1972 "Methodological Considerations of the Archaeological use of Ethnographic Data". In: R.B. Lee (ed.), Man the Hunter. Chicago, Aldine Publishing Company.
- COLBACCHINI, A., C. ALBISETTI
 1942 Os Bororo Orientais - Orarimugodoge do Planalto Oriental do Mato Grosso. São Paulo, Campanhia Editora Nacional.
- FREEMAN, L. G.J.
 1972 "A Theoretical Framework for Interpreting Archaeological Materials". In: R.B. Lee (ed.), Man the Hunter. Chicago, Aldine Publishing Company.
- HASSAN, F.A.
 1981 Demographic Archaeology. New York, Academic Press.
- LEVI-STRAUSS
 1970 Tristes Trópicos. Buenos Aires, Editorial Universitária de Buenos Aires.
- MILLER, T.O. Jr.
 1978 Tecnologia Cerâmica dos Caingang Paulistas. Arquivos do Museu Paranaense, N.S. Etnologia. Curitiba, (2).
 1979 "Stonework of the Xetã Indians of Brazil". In: Hayden (ed) Lithic use-wear Analysis. New York, Academic Press.
- NIMUENDAJU, C.
 1938 The Apinayé. Washington, Catholic University of America, (Anthopological Series, 8).
- SCHIFFER, M. B.
 1978 "Methodological Issues in Ethnoarchaeology". In: Gould, R. S. (ed.), Explorations in Ethnoarchaeology. Albuquerque, University of New Mexico Press.
- STEINEN, K. von den
 1984 Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens. Berlin, Geographische Verlagsbuchhandlung.

VIERTLER, R.B.

1976 As Aldeias Bororo - Alguns Aspectos de sua Organização . São Paulo, Universidade de São Paulo. (Col. Museu Paulista. Série Etnologia).

1982 Aroe J'Aro. Implicações Adaptativas das Crenças e Práticas Funerárias dos Bororo do Brasil Central. (Tese de Livre Docência).ms. São Paulo, Universidade de São Paulo.

WATSON, P.J., S.A. LeBlanc, C.L. REDMAN

1974 El Método Científico em Arqueología. Madrid, Alinza Editorial.

WATSON, P.J.

1969 The Idea of Ethnoarchaeology - Notes and Comments. In : Kramer, C. (ed.), Ethnoarchaeology for Archaeology. New York, Columbia University Press.

WUST, I.

1975 A Cerâmica Carajã de Aruanã. Anuário de Divulgação Científica, Goiânia, Universidade Católica de Goiás, 2 (2).

1983 Aspectos da Ocupação Pré-Colonial em Uma Área do Mato Grosso de Goiás. Tentativa de Análise Espacial. (Tese de mestrado na Universidade de São Paulo). ms. São Paulo.

ZERRIES, O.

1953 The Bull-roarer among South American Indians. Revista do Museu Paulista, N.S. , São Paulo, Universidade de São Paulo, 7.

PLANTA DA ALDEIA
BORORO DE TADARIMANA
- JULHO 1983 -

